

SAÚDE E AMBIENTE SUSTENTÁVEL: ESTREITANDO NÓS. Maria Cecília de Souza Minayo & Ary Miranda de Carvalho (org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 344 pp.

ISBN: 85-7541-013-X

Tantos nós a desatar

O livro *Saúde e Ambiente Sustentável: Estreitando Nós*, organizado por Maria Cecília de Souza Minayo & Ary Miranda de Carvalho, teve sua origem na idéia da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) em comemorar os dez anos da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, ocorrida em 1992 no Rio de Janeiro. Nessa época, a FIOCRUZ também se fez presente através do livro por *Saúde, Ambiente e Desenvolvimento*, organizado em dois volumes por Maria do Carmo Leal e Paulo Buss. Porém o *estrear nós* a que se refere o título – a busca de aproximação entre o campo da saúde e a discussão ambiental – vem ocorrendo de forma mais sistemática na FIOCRUZ, pelo menos enquanto política institucional, desde 1996 com a criação do programa *Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento*.

Desde então diversas atividades vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de articular e potencializar ações conjuntas de vários profissionais e grupos de pesquisa de dentro e fora da FIOCRUZ, nas mais diversas disciplinas e áreas de atuação. Para tanto, a criação e permanência de uma *câmara técnica de saúde e ambiente* tem sido um instrumento interno importante no desenvolvimento de várias ações, como os seminários nacionais de saúde e ambiente; o desenvolvimento de grupos de trabalho multiprofissionais e interdisciplinares sobre temáticas relevantes; textos e livros de referência; e o apoio a projetos integrados de pesquisa que articulam diversas unidades, núcleos e grupos de pesquisa da FIOCRUZ entre si, bem como a parceria destes com grupos acadêmicos, institucionais e sociais em torno de problemas de saúde e ambiente.

A necessidade de integração do trabalho entre distintas disciplinas, instituições e atores sociais traduz um desafio crucial do nosso tempo: o enfrentar a complexidade e agravamento das questões sociais, ambientais e sanitárias que se apresentam imbricadas em vários problemas de saúde e ambiente. Conforme reconhecem os organizadores, as perguntas e dilemas colocados pelo atual momento histórico desafiam nossa capacidade reflexiva e de ação prática. Isso exige um aprofundamento conceitual necessário à construção de uma ética renovada “*diante de questões ao mesmo tempo locais e planetárias, subjetivas e coletivas, de ambos os campos (da saúde e ambiental)*” (p. 15).

Essa é a tarefa central a que se propõe o livro. Ela é necessária, conforme reconhecem os organizadores, em função de várias lacunas, reducionismos e zonas cinzentas que marcam não só a relação entre os

dois campos, mas no interior e cada um deles. E não são poucos os desafios, que se expressam por vários e crescentes problemas, como o reconhecimento dos riscos ecológicos globais, as alterações climáticas, a redução da camada de ozônio, a destruição de florestas e da biodiversidade, a poluição da água/ar/solo, e os problemas cada vez maiores para a geração de água potável para as populações. Se somarmos a tudo isso os problemas de escassez de matérias primas e a superposição dos problemas sociais e ambientais presentes nas regiões e aglomerados urbano-industriais, principalmente nos países de industrialização recente e economia periférica com maiores níveis de pobreza e exclusão social, veremos que a inversão de trilhas e valores que marcam os atuais modelos (insustentáveis) de desenvolvimento nos coloca desafios profundos e emergenciais.

Nesse sentido o subtítulo do livro é bastante feliz: os “*nós*” que precisam ser estreitados são muitos, e tarefas de muitos livros e novos desenvolvimentos conceituais. São os “*nós*” da ciência normal – no sentido adotado por Kuhn¹ –, nós enquanto sujeitos da pesquisa e das instituições técnico-científicas, marcados por microanálises ou metanarrativas ainda fragmentadas e distantes da solução dos problemas, muitas vezes também dos discursos e necessidades daqueles que mais sofrem com tais problemas em seu cotidiano. São os “*nós*” que precisam ser desatados pelas várias áreas e campos científicos, pois causam dificuldades e empecilhos para o reconhecimento das incertezas e da própria ignorância enquanto motor para a integração e evolução transinterdisciplinar de uma ciência que seja tanto precaucionária quanto democrática e inclusiva, o que exige uma mudança fundamental nas bases éticas, epistemológicas e sociais da ciência e das instituições². Mas são também os “*nós*” que permitirão entrelaçar os fios e as pontas das várias áreas de conhecimento e práticas sociais que têm algo importante a dizer e compartilhar para entendermos e enfrentarmos os graves problemas ambientais e de saúde essenciais de nossa época. Os múltiplos “*nós*”, portanto, expressam também a metáfora das várias dimensões desses problemas complexos e das possibilidades de transformarmos um mundo insustentável, sem leveza e com muitos riscos, num outro mundo.

O livro se encontra dividido em cinco partes, cada qual contendo dois textos de referências onde os autores aprofundam uma temática específica. Aos textos de referência seguem-se outros que os debatem a partir de diferentes perspectivas. Trata-se, portanto, de uma dinâmica bastante interessante para o pretendido “*estrear de nós*”, já que tanto os autores dos textos de referência quanto os debatedores possuem várias origens institucionais – de dentro e de fora da FIOCRUZ – e múltiplos olhares disciplinares, provenientes tanto do campo da saúde coletiva quanto do ambiental.

A primeira parte discute o tema do *Ambiente, Espaço, Território* a partir de duas perspectivas: a lógica da História Ambiental, com o texto de Pádua sobre a história da crítica ambiental no Brasil, desde os tempos do Brasil colônia do Império, cuja tradição Pádua resgata de forma didática para o desenvolvimento de um ambientalismo nacional; e a lógica da Saúde Pública/Coletiva através do texto de Navarro et al., sobre doenças emergentes e reemergentes, revelando algumas tendências atuais no entendimento dos vários fatores que se encontram subjacentes ao aumento da importância desse problema para a saúde pública contemporânea.

A segunda parte dialoga com o conceito de risco por meio de dois textos particularmente instigantes, ainda que com perspectivas distintas: o de Lieber & Lieber, que refaz a trajetória etimológica e histórica em torno do conceito de risco, revelando sua natureza polissêmica e as lacunas para futuras pesquisas; e o de Castiel, que aprofunda a discussão sobre como a mídia e as sociedades modernas – sejam elas pós, super, tardo ou simplesmente sem adjetivos – vêm incorporando o conceito de risco de múltiplas formas.

A terceira parte discute os conceitos de qualidade de vida e promoção da saúde. O texto de Andrade & Barreto discute a proposta dos chamados municípios ou cidades saudáveis como processo discursivo e construção de novas práticas de promoção da saúde. O artigo de Minayo apresenta o enfoque ecossistêmico de saúde como “*uma das possibilidades de construção teórico-prática das relações entre saúde e ambiente, dialeticamente articulados a uma visão ampliada de ambos os componentes.*”

A quarta parte tem por temática *Processos Produtivos, Consumo e Degradação da Saúde e do Ambiente*, com textos de duas autoras que vêm se dedicando a discutir questões teóricas e práticas abrangentes sobre saúde e ambiente, com ênfase empírica na Região Nordeste do país. Franco revela como as sociedades urbano-industriais vêm se caracterizando por padrões de produção e consumo inerentemente degradantes para a saúde e o meio ambiente. Rigotto busca em diferentes autores a inspiração para pensar o trabalho e o ambiente, assim como os processos produtivos e de consumo, simultaneamente como fontes de realização e degradação dos seres humanos, nesse último caso a partir dos riscos e seus efeitos.

Finalmente, a última parte apresenta o tema dos *Indicadores em Saúde e Ambiente* com base nos textos de Giraldo e Barcellos. A primeira autora centra-se na discussão sobre a importância estratégica e política da produção dos dados científicos e indicadores na construção de uma “pedagogia preventiva” ou de “promoção da saúde”. O segundo autor aprofunda aspectos conceituais e de natureza mais operacional, voltados à construção e uso de indicadores socioambientais, os quais podem servir como medidas selecionadas para representar fenômenos ambientais e suas repercussões para a saúde nos seus ciclos de geração (fontes de risco), exposição e efeitos.

Ainda que com alguns desníveis em sua seqüência, o livro traz aos leitores inúmeras fontes de inspiração para cumprir sua tarefa de “*estreitar os nós*”, utilizando-se de um debate interdisciplinar entre os campos da saúde e o ambiental.

Marcelo Firpo Porto
Escola Nacional de Saúde Pública,
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
firpo@ensp.fiocruz.br

1. Kuhn T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 1987.
2. Funtowicz S, Ravetz J. Ciência pós-normal e comunidades ampliadas de pares face aos desafios ambientais. *Hist Ciênc Saúde* 1997; 4:219-30.

VIOLÊNCIA SOB O OLHAR DA SAÚDE: A INFRA-POLÍTICA DA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA. Maria Cecília de Souza Minayo & Edinilsa Ramos de Souza (org.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 284 pp.

ISBN: 85-7541-028-8

Ao comemorar os 15 anos de existência do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (CLAVES), Maria Cecília de Souza Minayo & Edinilsa Ramos de Souza oferecem, aos pesquisadores brasileiros, *Violência Sob o Olhar da Saúde: A Infrapolítica da Contemporaneidade Brasileira*.

Falar sobre o CLAVES é vê-lo, desde o seu nascimento, participar com relevância, do diagnóstico e da análise do problema da violência no país, bem como da formulação de políticas para o atendimento das necessidades geradas por esse panorama.

Falar das autoras é superpor suas figuras à imagem do CLAVES, já que ambas se constituem em referência nacional e internacional sobre a violência, suas causas e sua inter-relação com os numerosos campos do conhecimento.

Quanto ao livro, segundo as organizadoras, é o reflexo do percurso do CLAVES nesse período, trazendo a marca do que foi construído e, a partir daí, delineando propostas para o futuro. Trata-se de contribuição importante que as professoras citadas trazem ao debate social e da saúde sobre o tema. Escrito pelas próprias organizadoras, outros importantes pesquisadores do cenário nacional e contando com a participação de pós-graduandos e bolsistas do CLAVES, o livro se afigura como de leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pelo assunto da violência.

Apresenta-se dividido em duas partes.

A primeira trata da contextualização do problema: conceitua a violência sob diferentes aspectos e estabelece o mapeamento quantitativo e qualitativo de sua morbimortalidade, apresentada dos pontos de vista geográfico e temporal.

Para aqueles que se preocupam com a saúde e o bem-estar das populações é apresentada a evolução da mortalidade por acidentes e violências, entre nós, principalmente quando é mostrado aos leitores que, dos anos 80 para a década de 90, o perfil dessas causas de morte passa do quarto para o segundo lugar. O capítulo apresenta o sexo masculino e algumas idades específicas como os grupos mais vulneráveis a essa mortalidade. Deixa clara, ainda, a tendência das taxas de mortalidade por causas externas nas diferentes macrorregiões brasileiras e mostra os homicídios e os acidentes de transporte como seus principais tipos.

A análise da morbidade hospitalar por lesões e envenenamentos é referida no capítulo 4. A evolução